

## Reseña

### Título del libro: São Pessoas

*Book title: There are people*



**Autor:** Adriano Miranda y Paulo Pimenta

**Año de publicación:** 2020

**Páginas:** 158

**ISBN:** 9789893301340

Edição dos Autores (Auto-edição)

*Reseña realizada por Hélia Bracons y António Bracons*

Adriano Miranda (1966) e Paulo Pimenta (1967) são dois fotojornalistas que integram a redação do jornal “Público”, um dos diários portugueses de maior prestígio e idoneidade, para o qual a fotografia tem um papel fundamental. Estando ambos a desenvolver trabalhos sobre pobreza, decidiram desenvolver um projeto retratando situações concretas e mostrando que a situação de pobreza é real, assume várias vertentes, que não é exclusiva e que pode chegar quando menos se espera.

Os fotógrafos percorreram todo o Portugal, de norte a sul, de Bragança ao Algarve, fotografando pessoas nas mais variadas situações e contextos, pessoas social e culturalmente distintas, que “vivem em situações de pobreza”, mas também situações de precariedade e de exclusão.

O livro “São Pessoas” foi apresentado no Mira Fórum, Porto, em janeiro de 2020, na inauguração da exposição que mostrou o projeto. Como referem os autores, é “um livro dedicado a todas as Pessoas que todos os dias lutam

pela sobrevivência”. O trabalho apresentado tem como foco “contar histórias de pessoas, de todas as idades e de várias áreas, a viver situações difíceis”, através de 32 pessoas que generosamente se mostraram, abriram as suas casas e as suas vidas, com o propósito de dar voz, dar um sentido a tantas *almas* que revelam silêncios, sofrimento e ausência.

A fotografia, a preto e branco, leva-nos a concentrar no que é essencial: nas expressões de quem é retratado, no ambiente das suas vivências, da sua realidade, permitindo ao leitor não se dispersar do que realmente importa e centrar-se na mensagem que a imagem quer transmitir.

Como escreve Fátima Lopes Cardoso (Público, 30 anos de Fotografia; Porto: Público, Março 2020), «entre o fluxo visual dos dias, há imagens que nos obrigam a parar. Aqueles segundos de contemplação transformam-se num acto de consciência. Quem olha o acontecimento ou a pessoa retratada é o leitor, mas quem sugere que realidades valem ou não a pena observar é o fotógrafo. As experiências visuais são partilhadas, indicando leituras no tempo certo e que só a imagem sem movimento permite.», pois, citando Susan Sontag, «se é verdade que “as fotografias não podem gerar posições morais, podem reforçá-las e contribuir para consolidar as que se iniciam”.»

A fotografia cria assim «Um diálogo com o leitor. O leitor que pára. Contempla. E pensa. A fotografia a cumprir o seu papel primordial. A tocar o coração. A despertar caminhos.», refere Adriano Miranda (cf. Público, 30 anos de Fotografia; op. cit.).

Este projeto pretende alertar para o drama da pobreza. Aquela que se vê e a que não se vê. Com a crise que assolou o mundo ocidental, faliram muitas empresas. Muitas pessoas com vida estável, perderam empregos e depois a casa, famílias desmoronaram-se, viveram situações graves de pobreza. Outras, com os graves incêndios florestais de 2018 e 2019, perderam tudo o que tinham. Algumas conseguiram dar a volta, para outras foi mais difícil.

Este projeto quer mostrar as pessoas: o foco está centrado nas expressões de cada Pessoa: frequentemente cada retratado, em paralelo, está de olhos fechados (ou não olha para a câmara) e de olhos abertos, ou mostra-se numa vivência concreta. Paralelamente, mostra(m)-se o(s) espaço(s) da sua vivência, o seu contexto: «Interpretei a casa como o local de todas as angústias e alegrias», diz Adriano Miranda. «A casa é a nossa confidente, a nossa caixa-forte. Também é a nossa montra.»

Cada um é retratado na sua unicidade e sentimentos, «para que ninguém se esqueça que ela [pobreza] não é um conceito abstrato, mas a realidade de muitas pessoas com quem nos cruzamos diariamente» (p. 55). Imagens reais, com formas bem definidas, luz e sombra, brilho e escuridão ganham especial relevo no testemunho que podemos fazer da realidade, tendo presente tantas vidas, histórias e memórias, vivenciadas e partilhadas.

Para além das fotografias, o livro conta ainda com quatro textos de reflexão e de análise, de jornalistas do Público, que desenvolveram várias reportagens sobre o drama da pobreza, sob múltiplas formas, realçando a importância da pessoa: Ana Cristina Pereira, Camilo Soldado, Patrícia Carvalho e Mariana Correia Pinto.

Ana Cristina Pereira escreve sobre a realidade da pobreza: «"Sabemos quem são os pobres em Portugal", como dizia o sociólogo Bruto da Costa. "Sabemos por que são pobres — desempregados porque não têm subsídio de desemprego ou esse subsídio é insuficiente; empregados pelo valor insuficiente ou porque trabalham por conta própria e não ganham o suficiente; reformados por o valor da reforma ser demasiado baixo; 'inactivos' com actividades não reconhecidas pela economia como domésticas."», e analisa que em 2018, “Pelos cálculos do Instituto Nacional de Estatística, (...) o limiar da pobreza fixou-se [nos] 501 euros por mês. Abaixo estava 17,2% da população”. Se se atender “às taxas de privação material, isto é, à capacidade que cada um tem de satisfazer necessidades básicas ou aceder a certos bens. Em 2019, 2,3% dos residentes em Portugal integravam famílias incapazes de garantir uma refeição de carne peixe ou

equivalente vegetariano pelo menos de dois em dois dias. E 5,8% de pagar a tempo rendas, encargos ou despesas correntes, 18,9% de manter a casa aquecida como deve ser, 33% de assegurar o pagamento de uma despesa inesperada sem um empréstimo, 40% de pagar uma semana de férias por ano fora de casa”.

O texto de Camilo Soldado remete-nos para um turbilhão de emoções face ao passado e ao presente. Tempos de dificuldades, de problemas outrora passados, são recordados e recuperados permanecendo estes, em algumas situações, com outros contornos, facetas e rostos. “É para isso que serve este livro: para dar força a todos esses rostos através da fotografia de alguns, para os resgatar da sombra para onde foram empurrados e para nos lembrarmos de que o caminho a percorrer ainda é longo”.

Uma folha inserida na obra tem os links em código QR, para os testemunhos e os vídeos dos fotografados, complementando a obra fotográfica com a realidade mais detalhada de cada um. Se os textos e testemunhos nos enquadram numa realidade tantas vezes diferente da nossa, é sobretudo através da fotografia que os autores alertam, para a “enorme dimensão social que é a solidão, a exclusão e a pobreza, numa sociedade centrada no consumo e na discriminação”.

Ler e reler as imagens. Ver e rever. Ver para além da imagem. O que se mostra, como se mostra. O que se vê e o que não se vê. Um livro que não é apenas para fotógrafos ou amantes da fotografia. É um registo que vale a pena ser olhado por especialistas de áreas diversas, desde o Serviço Social, a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Culturais. E por cada um, cada cidadão. É um retrato feito em Portugal. Mas poderia ser em qualquer outro país europeu, no Brasil ou na América (do Norte, Central ou do Sul).

É sobretudo um retrato cheio de dignidade, humildade e humanidade, de quem está mais necessitado mas que não deixa de ser Pessoa.